

GEOGRÁFICA

UNIVERSAL



Nº 268, MAIO 1997

R\$ 6,00

AUSTRÁLIA

A Última
Fronteira

AVENTURA

Pelas
Trilhas das
Américas

Índios ETS

OS XIKRIN ACREDITAM QUE VIERAM DO ESPAÇO



ISSN 0104-9542

00268

9 770104 954004



Xikrin O Povo que Veio do Céu



Os Xikrin, índios Kayapó do Pará, acreditam que seus ancestrais vieram do céu e viram surgir o restante da humanidade, à qual chamam de *kuben*, estranhos. Neste artigo, um indigenista com meio século de aventura na selva revela os costumes e a rica mitologia desse povo

Texto de JOÃO AMÉRICO PERET – Fotos de FELIPE GOIFMAN



A ngó-be é casa cerimonial e residência dos rapazes nas comunidades Xikrin. Trata-se de um verdadeiro "clube masculino", onde se reúne o Conselho dos Anciãos para decidir sobre as atividades do dia-a-dia e no qual funcionam a escola tribal e a oficina de artesanato. Ali os homens contam suas experiências cotidianas, numa cerimônia espontânea mas de frequência obrigatória. A "casa dos homens" é o centro da aldeia e pólo em torno do qual se realizam as festas e os rituais. (Na foto, anciãos, pajés, chefes e guerreiros, abrigados na ngó-be, preparam o início de uma cerimônia.) A casa só perde seu caráter de domínio masculino no ritual Men-Biök, das mulheres guerreiras, que lembra o tempo mítico em que elas viviam sem homens e só concordaram em conviver com eles sob a condição de adquirirem o direito de igualdade pelo menos uma vez por ano. Então, as mulheres invadem a ngó-be - mas tudo não passa de uma festa...

**A "casa dos homens"
é o centro da aldeia,
local de encontros e de decisões**





Mulheres coroadas com palha de buriti lembram a mitologia Xikrin

Mulheres dispõem-se em semicírculo e dançam de mãos dadas ou com os braços sobre os ombros e cinturas das companheiras durante o ritual Bemp, em que os jovens (de cinco aos dezoito anos) escolhem o novo nome, que substituirá aquele que lhes foi dado pelos pais. Em lugar da tipóia em que ordinariamente transportam seus bebês, elas usam neste dia de festa uma bandoleira especial, de miçangas ou de fios de algodão tingidos de cores variadas. As mulheres que estão diretamente envolvidas no ritual (ou seja, que são parentes do jovem nominado) trazem coroas de palha de buriti – a palmeira que os ancestrais dos Xikrin primeiro avistaram quando desceram do céu para viver no paraíso terrestre.





Os cocares revelam a família e a posição social

Dois chefes Xikrin em seus adornos para ocasiões festivas. Os enfeites são de uso privativo de cada família. Na foto em cima, o cocar meokó é feito com penas do pássaro joão-congo ou rei-congo, tendo ao centro penas longas de arara-vermelha. Na foto maior, o chefe usa cocar de penas de jandaia nas cores verde, vermelha e azul-turquesa e brincos nohontê de madeira, contas e plumas. Os chefes Kayapó têm mais deveres que poderes. Eles são executivos das determinações do Conselho dos Anciãos, do qual fazem parte.



Xikrin O Povo que Veio do Céu

A aldeia tradicional Kayapó tem uma disposição circular, com a *ngó-be* ao centro. (Atualmente já se vêem aldeias retangulares.) As canoas são feitas de troncos escavados, com extremidades de influência Tupi.



As mulheres da tribo se flagelam por seus mortos



É o mais velho dos pajés Xikrin, Nhiakrekampin, um *kukrodjo* (sábio), quem conta a história do seu povo: “Nossos antepassados *Men-bengokré* (Kayapó) viviam em *Koikwa*, o céu, a terra do povo que mora lá em cima. Um dia um caçador perseguiu um *apjêti*, tatu-canastra. O tatu correu e foi cavando, cavando. O guerreiro foi cavando atrás, e, quando já estava alcançando o tatu, este

caiu do céu aqui na terra. O guerreiro ficou olhando lá de cima, admirando a grande *ngrwa*, palmeira buriti, à beira de um lago cristalino. O caçador voltou à aldeia e contou a sua descoberta. Curiosos, todos foram olhar. Deslumbrados com o paraíso terrestre, teceram uma longa corda e desceram ao lago. Quando pretenderam voltar para o céu, o pássaro andorinha-tesoura cortou a corda, e eles povoaram *puká*, a terra. Aqui, o povo (Kayapó) usa o nome *Men-be-ngô-kre*

(*men*, gente; *be*, ser; *ngô*, água; *kré*, buraco; ou seja, gente que veio da água).”

O chefe Bemoti fala do pajé Nhiakrekampin e de outros responsáveis pela memória da tribo: “Os historiadores são denominados *men-kukrodjo-tum* – gente idosa que acumulou conhecimentos e nos dá de presente. Eles escutam *okoikwa*, o céu; escutam *puká*, a terra. Só os velhos muito resistentes mentalmente escutam *menkaron*, os espíritos, e ficam *kukrodjo*, com sabedoria.”

Além de terem vindo do céu superior, os Xikrin acreditam na existência de *Koikwa-enhôt*, um céu no leste. Lá é a casa do sol, energia vital. Recuando desse infinito em direção ao seu mundo físico, encontra-se um *portal*, o *inhum-djêk*, uma *teia de aranha* presa entre o céu e a terra como divisão espacial. Do lado de lá mora *okti*, a águia gigante. *Okti* é um poderoso xamã. Os pajés Xikrin têm como ideal ser iniciados por *okti*. Porém, somente aquele que consegue atravessar a *teia de aranha* é iniciado e torna-se um alquimista; os outros são devorados.

Continuando a vislumbrar o mundo fantástico dos Xikrin, recuando em direção ao mundo físico, encontra-se outro *portal*, o *Rop-kré*, *gruta dos lobos ou jaguar*, que precisam ser alimentados e por isso os *wajang*, pajés, oferecem carnes. Nas proximidades desse *portal* ficam os domínios das *Mekuréré Toit*, mulheres guerreiras (lembradas no ritual *Men-Biôk*, em que as mulheres se tornam temporariamente donas da aldeia). Recuando mais um pouco se encontra outro *portal*, o *Buti-amê*, rio grande (identificado com o Tocantins e o Araguaia). Voltando mais ainda, encontra-se o *portal Akumot Kô tok*, a Região da Noite Eterna. Finalmente, chega-se ao mundo físico dos ancestrais dos Xikrin – os *Goroti Kumrem* (povo mais antigo) –, a região dos rios Bacajá e Cateté. Olhando das aldeias para o poente, avista-se o *Koikwa-Krai*, céu do oeste, o limite, o fim do mundo.



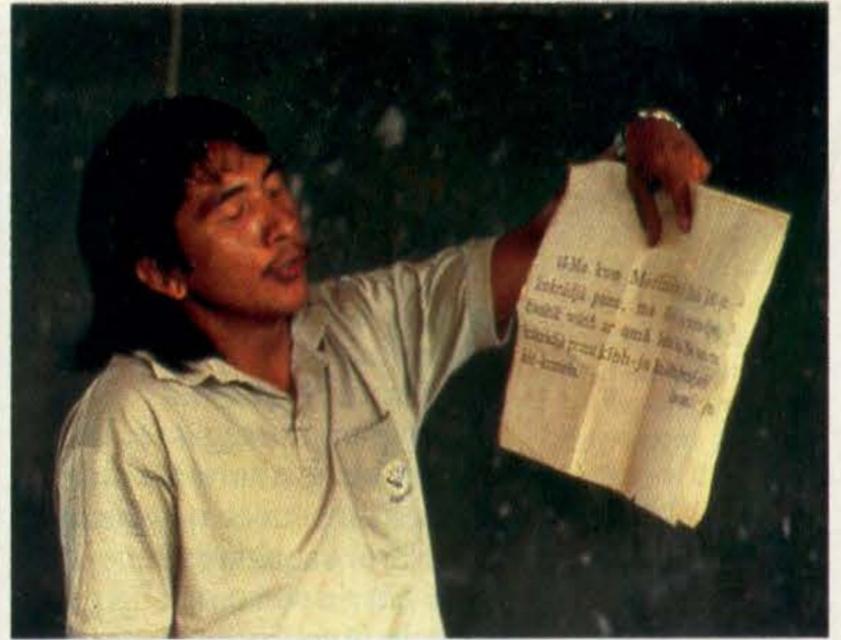
OS Xikrin, que se autodenominam Put-Karôt, são considerados subgrupo Goroti Kumrem, Kayapó do Pará, e habitavam as cabeceiras dos rios Vermelho e Branco, afluentes do Itacaiúna, estando hoje aldeados nos rios Bacajá e Cateté. O cacique Bepkaroti (os que usam o prenome *Bep* são considerados nobres, descendentes do herói mítico Bepkororoti, Guerreiro das Estrelas), que foi o responsável pela “pacificação dos brancos”, comenta: “Os *civilizados* são muito *brabos*, difíceis de serem amansados.” Sobre o nome *Xikrin*, diz ser apelido: “Somos Put-Karôt. Nossa pintura corporal é diferente da dos outros grupos Kayapó.”

Pesquisadores registraram que estes índios foram vítimas de um grande massacre às margens do rio Itacaiúna, em 1910, quando ainda se chamavam Poré-Kru. Os remanescentes subdividiram-se em Kokorekre e Put-Karôt, nomes que os identificam desde 1930. As perseguições aos Xikrin foram mais intensas nos anos de 1940 a 45, durante a Segunda Guerra Mundial, em que o látex e os minérios estratégicos eram importantes para suprirem os Aliados. E os Kayapó, que nada tinham com o conflito, tiveram suas terras invadidas e foram massacrados pelas frentes pioneiras.

A partir de 1947 as invasões e massacres continuaram, devi-



do à exploração da borracha, da castanha-do-pará e de peles de animais silvestres. Em 1972 surgiram a Transamazônica, as invasões de posseiros, os garimpos, a extração de madeiras de lei, as atividades agropastoris, a tentativa – abortada – de construir a hidrelétrica de Karara’ô... (Quem não se lembra da índia Tuíra, a jovem Kayapó que no Primeiro Encontro Ecológico de Povos Indígenas, realizado em Altamira, Xingu, em fevereiro de 1989, defendeu o meio ambiente “ameaçando cortar” com seu facão a cabeça de um diretor da Eletro-norte? Ela me confidenciaria, mais tarde, ter dito ao branco naquela ocasião: “Por que você não enxerga a vida que está à sua volta? Por que quer provocar um dilúvio? Abra essa cabeça e aprenda que a coisa mais importante é a vida!”)



MEU primeiro contato com os Kayapó Kuben-Kran-Kein e Gorotire foi em 1951. E com os Xikrin, a partir de 1953. Dei apoio logístico a Miguel Araújo e Leonardo Vilas Boas, que fundaram o Posto Las Casas para *amansar* os Xikrin. A região era passagem de boiadeiros entre Conceição do Araguaia e São Félix do Xingu, localizada na foz do rio Fresco, no Xingu. Os Xikrin eram belicosos mas temiam brigar com os parentes Kayapó, por considerá-los *toit* – valentes e perigosos, capazes das mais violentas reações. E tinham como *saco de pancada* os *rerek* – os fracos Asurini e Parakanã (estes considerados, pelos brancos, índios louros), grupos Tupi, que não eram bons de briga. Os Xikrin costumavam atacar esses índios para roubar mulheres e crianças. Com os Karajá (grupo

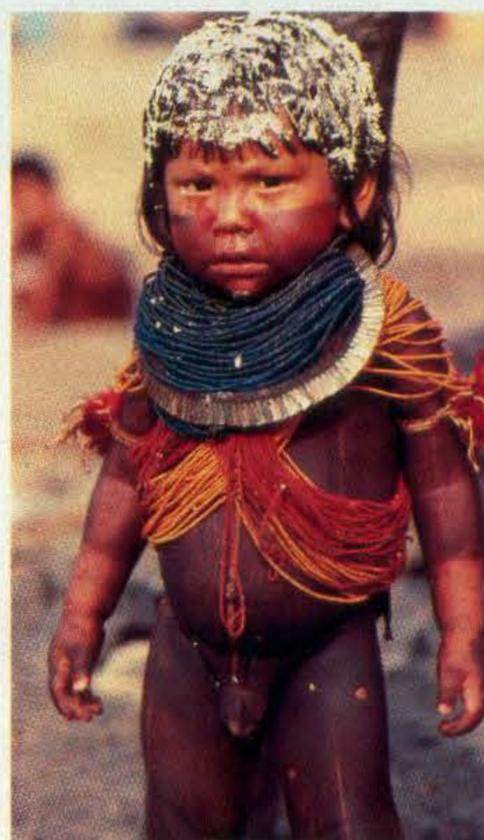
Um guerreiro transporta o produto de sua caçada. Os *kapraka ngra ti* (jabutis da mata) serão preparados e servidos no ritual *Bemp*. Nas fotos ao alto: mulher sendo socorrida após praticar a autoflagelação em sinal de luto pelo marido; e pastor indígena exibindo trecho do Evangelho de São João (2.15) no idioma Xikrin. Embaixo, jovem mãe carregando o filho e a raiz de cará.

Xikrin O Povo que Veio do Céu

Jê), os Xikrin mantinham uma aliança antiga, desde antes de serem aldeados pelos brancos. Dos brancos, aliás, queriam distância, considerando-os difíceis de serem amansados, pérfidos e perigosos mesmo como amigos. Irrequietos, os Xikrin não permaneceram mais de cinco anos no Posto Las Casas. Mesmo porque a região era muito insalubre, e morreram muitos índios. Também eu quase morri de malária naquela área.

Os Xikrin resistiram heroicamente às invasões de suas terras. Eles repeliram com violência os contrabandistas de peles silvestres, os garimpeiros e as poderosas madeireiras que teimavam em retirar mogno e outras madeiras de lei. Porém, entre os anos de 1989 e 92, os jovens líderes Xikrin do Cateté e do Bacajá, que estudaram entre os brancos, firmaram um contrato, sob a chancela da Funai, permitindo a exploração econômica dos recursos naturais renováveis em suas terras – uma área de 439.150,5 hectares. Nesse período os índios sofreram com o processo *civilizatório*, e estiveram à beira da extinção, pelas mazelas e vícios do alcoolismo, do tabagismo, da prostituição e das doenças adquiridas dos *civilizados*.

Felizmente, os índios têm uma força interior muito grande, e com isso conseguem superar as vicissitudes e recuperar o verdadeiro sentido da vida. Foi assim que o Conselho dos Velhos fez prevalecer o bom-senso. Os Xikrin denunciaram a corrupção implantada entre os jovens, os danos ambientais – do solo, da flora e da fauna –, além da destruição social e política da tribo. Provaram que as madeireiras descaracterizaram os termos do projeto autorizado. Enquanto esperavam os trâmites legais, os índios expulsaram “na marra” os infratores. E, sob a coordenação de Isabelle Giannini, implantaram o Projeto Xikrin Instituto Sócio-ambiental, que está dando certo, graças ao dinheiro recebido das indenizações a que tiveram direito. Os Xikrin, que ha-



viam sofrido danos morais e materiais, chegando à beira da extinção, ressurgiram das cinzas e voltaram com a força própria das tribos indígenas brasileiras. Nos últimos anos sua população, que se desenvolve com recursos próprios, paga professores, enfermeiros e auxiliares, voltando a viver em harmonia com a natureza, em sua área demarcada e vigiada por eles próprios. Atualmente os Xikrin somam cerca de 500 indivíduos.

A aldeia Xikrin é dividida ao meio, ficando a praça na direção leste-oeste. As choças são dispostas em círculo, com os fundos de uma metade voltados para o norte e os da outra, para o sul. Ao centro se ergue a *ngó-be* (o *clube* dos homens, casa cerimonial, escola tribal ou, ainda, residência da classe social dos rapazes). É ali que os homens relatam diariamente as suas atividades e fazem artesanato, e também é o local em que se reúne o Conselho dos Velhos. No grande terreiro em volta ocorrem os rituais, tanto para os homens como para as mulheres. Estas, uma vez por ano, no ritual *Menbiôk*, tornam-se donas da Casa dos Homens. Então, enquanto elas dançam, os homens ficam na periferia. Em certos rituais, homens e mulheres dançam em semicírculo, lado a lado, formando grupos distintos, ou marcham em duas ou três colunas.

A vida na aldeia tem início ainda de madrugada, quando todos vão ao banho. Na beira do rio começa a dispersão para as mais variadas atividades. Alguns voltam para a aldeia, outros vão caçar, pescar, tirar mel, trabalhar na roça, colher frutos silvestres, fibras, ervas, ou apenas reconhecer o ambiente e desfrutar da natureza. Ninguém fica parado.

Numa caminhada, haja fôlego para acompanhar os índios. Certa vez fazíamos uma incursão pelo mato quando alguém parou, cheirou uma folha, repeliu o

Adornos de miçangas: a mulher prepara uma pulseira com motivos tribais. As peças dos Xikrin são fabricadas para uso nos rituais e até com fins de exportação para os Estados Unidos e a Europa. Nas outras fotos, crianças adornadas com miçangas, tintas e resina. O menino com plumas de urubu-rei coladas na cabeça tem os paramentos do personagem central do ritual de nomeação.

cheiro acre, soprando forte com as narinas, e disse: "Porcos, porcos!" Paramos imediatamente e, atentos, ouvimos o barulho característico dos porcos batendo as presas. Corremos em perseguição, mas o caminho foi interrompido por um precipício de uns 20 metros de profundidade por 15 de largura. Os índios improvisaram uma pinguela com uma árvore, e atravessamos correndo. Então, eles mataram alguns porcos queixadas. Quando fomos atravessar a pinguela de volta, um índio amigo recomendou: "Peretum (que é como os Kayapó me chamam), cuidado para não cair!..." Isso foi o suficiente para desestabilizar meu equilíbrio. Atravessei sentado *a cavalo* mas não aceitei a ajuda, porque esse tratamento só é dado aos velhos e crianças indefesas. Todos riram às gargalhadas... O pior foi quando, mais tarde, na *ngó-be*, cada um relatou e demonstrou com gestos cênicos, teatralizando, a sua participação na caçada. Quando chegou a minha vez, contei que na volta perdera o equilíbrio emocional devido à advertência de "cuidado para não cair". Todos demonstraram interesse, exclamando frases de incentivo e rindo da comicidade da mímica que fiz para reproduzir os movimentos da travessia da ponte. No entanto, ficaram contentes pela coragem que tive de assumir minha fraqueza. As conversas na *ngó-be* sobre as atividades do dia-a-dia são exemplos para os jovens, e por isso a verdade tem que ser dita mesmo que fira a vaidade. Os assuntos tratados, porém, ficam restritos ao local.

Durante o longo período de tempo em que convivi com os

Kayapó – e com os Xikrin, em particular –, pude observar atentamente seus costumes. Alguns deles são bem peculiares, como, por exemplo, o da troca da parceria sexual. No ritual *aben-pamu*, os pares cujo casamento já está consolidado com a chegada de filhos podem trocar temporariamente de parceiros, desde que haja uma sólida amizade entre eles: o amigo dele será chamado de *ikamu* (irmão), e a amiga dela, de *inikiê* (irmã). A troca é anunciada publicamente pelos dois, em discurso à frente de sua casa, para dar satisfação à sociedade. Os *ikamu* e *inikiê*, de-

tual bem interessante. Como os homens não podem assistir ao parto, ficam olhando à distância. Numa ocasião, Pidiô, a parturiente, foi para a orla da aldeia, forrou o chão com folhas de bananeira, ficou de cócoras e pressionou a barriga com os braços cruzados. Daí a pouco, *kra-rua* – a criança caiu, nasceu. A mãe massageou o cordão umbilical de forma a passar o seu conteúdo para o recém-nascido, e cortou. Depois passou uma resina. Apanhou uma cuia com água, amornou o líquido na boca e borrifou o bebê no primeiro banho. Então, voltou para a

As meninas enfeitadas para o Bemp são *kuben-kran-kein* (gente de cabeça raspada), uma parte da sociedade Kayapó. As linhas sem tintura que separam a pintura do corpo significam a divisão dos céus de leste e oeste, que compõem o universo mítico Xikrin.

A divisão do céu nas linhas dos corpos das crianças



pois dos afazeres diários, vão para a casa dos amantes. A experiência dura meses, e se quiserem podem ter filhos. Os chamados *amigos formais* exercem atividades de mútuas proteção e ajuda social e material.

Pude também ver o nascimento de muitas crianças, um ri-

esteira. A avó encarregou-se de enterrar a placenta.

As mulheres Kayapó costumam defumar a placenta e guardá-la. Quando a criança atinge uns sete anos, a mãe ensina: "Reparou como meu sexo é diferente do de seu pai?... Quando resolvemos ter você, seu pai

Xikrin O Povo que Veio do Céu

Meditando durante a preparação de um ritual *Bemp*, o chefe Bemoti fuma seu *warikokó*, cachimbo. Na *ngó-be*, os guerreiros observam os pajés prepararem os alimentos que serão oferecidos aos espíritos, os *men-karon*, inspiradores dos nomes que serão adotados pelos jovens.

colocou o sexo dele no meu, e *mému a-ôk hra nipein* (deixou a semente de criança dentro de mim). Depois de nove luas você nasceu. Isso aqui (a placenta seca) é o saquinho onde você viveu dentro de mim. Agora vamos levá-lo para os espíritos protetores no rio.”

Voltando para a choça, a mãe besunta-se toda e ao filho com urucum. Com a tinta vermelha mãe e filho estão protegidos contra tudo e todos. Acreditam que ela contém a energia do sol.

O pai do primogênito recém-nascido recolhe-se à casa da mãe (a sociedade Kayapó é matrili-



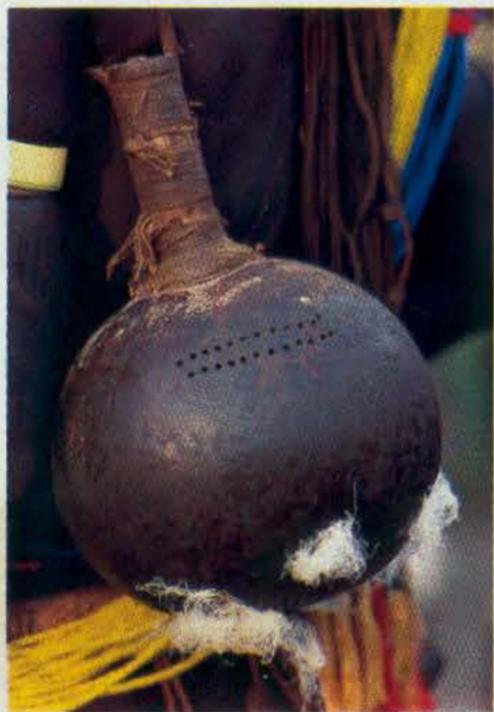
near) e abstém-se de comer certos alimentos reimosos para não prejudicar o filho. Os parentes e o *amigo formal* participam do resguardo. Quando cai o cordão umbilical, a mãe leva o bebê ao banho no rio. Enquanto isso, uma *amiga formal* faz a maquiagem do pai: raspa-lhe a cabeça desde o alto até as têmporas e depila as sobrancelhas e cílios; depois unta-lhe o corpo com óleo de coco babaçu e urucum. O *amigo formal* pinta o rosto do pai com pó de carvão; depois, leva-o para um passeio na praça,

onde param em frente à *ngó-be*; ali, o pai toca a palha, como quem tem saudade; então, retornam à sua casa.

Dias depois o pai recebe o tratamento *me-y-tiike* (gente pintada de carvão porque tem filho novo). Na *ngó-be*, ele é alçado à categoria de *menkrare*, meio velho. Quando a criança está fora de perigo, a mãe passa à categoria de *menkrapõin*, jovem mãe. A abstinência de sexo para ambos pode durar um ano. O homem, porém, pode recorrer à *amiga formal*...

Se for menino, o bebê terá o lábio inferior furado para a colocação de um labrete, que poderá ser dilatado até atingir grandes proporções (*akokakô*, disco labial). Em ambos os sexos, é feita a furação do lobo da orelha.

O ritual da nomenclatura ocorre dos cinco aos dezoito anos. O primeiro nome é provisório, e quem quiser poderá escolher outro. O sobrenome é o da tribo: Xikrin, Gorotire, Kokraymôro, etc. O prenome é *me-reri-meix* (nobreza). Para tê-lo, basta que os pais assumam o compromi-



so de garantir a festa, com alimento para todos. O pai é o *do-no da festa*. Ele vai comandar o *men-õtômõr*, a expedição de caça, pesca e coleta de frutos silvestres, lenha e *kent* (pedra) para confeccionar o *ki*, forno. Durante essa expedição os jovens vão aprender tudo sobre a geografia e a vegetação do lugar, em especial as plantas alimentícias e as medicinais para os primeiros socorros; a reconhecer o cheiro, o som, os rastros e o local de dormida dos animais; a conservar as carnes; a intuir e comunicar-se com os espíritos das florestas. Enfim, é no *me-kuni kumã kedi* que aprendem coisas de índio, a cultura espiritual e material de seu povo. Os alimentos são processados no acampamento, que pode durar até dois meses. Nas aldeias, as mulheres preparam os alimentos oriundos dos produtos da lavoura. O *ajwy*, beiju de mandioca, é imprescindível. Segundo elas, foi *Nhiô-Poti*, mãe da lavoura, quem ensinou a fazer.

SE, para os homens, o prenome *Bep* é dos mais importantes – refere-se ao herói mítico *Bep-Kororoti*, personagem que chegou à aldeia numa estrela, viveu entre os índios e voltou para o céu na mesma estrela em que havia chegado –, para as mulheres o prenome *Nhiô* é cobiçado

Os pajés invocam os espíritos para os rituais

devido a *Nhiô-Poti*, a filha de *Bep-Kororoti* que ficou na terra.

A responsabilidade de encontrar nomes novos para as crianças é do pajé. Isso porque ele entra em contato com *mry-karon*, espírito dos animais, *tep-karon*, espírito dos peixes, e *men-karon*, espírito dos humanos. O *wajang* (pajé) *escuta* os espíritos da fauna conversando, e vai aprendendo novos nomes.

Quando o *men-karon*, o espírito, abandona o corpo, este morre. Imediatamente começa o *mõrõ*, choro coletivo e estridente. É um momento perigoso para os desafetos ou inimigos públicos do falecido, que podem ser atacados... A viúva (ou a mãe ou a irmã) golpeia a própria cabeça com um facão e chora histericamente. Se não for contida, ficará com o couro cabeludo dilacerado e até com fratura do crânio.

Enquanto uns choram, os outros parentes cavam a sepultura circular. O corpo, na posição fetal (de cócoras), é enrolado numa esteira e transportado para ser assim enterrado. O rosto deve ficar voltado para o sol nascente, local das origens mitológicas, para onde seu espírito voltará. Em outra forma de enterro, o corpo é pintado e recoberto de plumas

brancas, e o rosto salpicado de pó de ovo de azulona. Mesmo estirado, é enrolado na esteira e levado preso a uma vara, como numa rede. No último adeus, a mortalha pode ser aberta e o morto novamente pranteado. A seguir, é enterrado: a cabeça para o sol nascente, o rosto voltado para a direção norte ou sul, dependendo da posição de sua casa na aldeia. Se ela ficava de frente para o sul, o morto olha para o norte, e vice-versa, porque será nessa direção que vai reencarnar.

De minhas experiências vividas com os Xikrin, guardo a lembrança de uma em especial, relativa a um dos índios portadores de *akokakô* (disco labial), que têm grande influência na vida política e gozam de prestígio e poder. Pois em certa ocasião fui desacatado por um cacique e, como se tratava de uma afronta, reagi com veemência. Logo chegou um daqueles *beijos-de-pau* e, percebendo que eu tinha razão, deu-me proteção e fez o cacique recolher-se à sua casa. Todos os índios acataram a decisão. Dias mais tarde, o cacique, envergonhado, pediu-me desculpas. E certamente eu não estaria aqui contando histórias se não fosse aquela ajuda... □

Com o maracá feito de cabaça (em cima, à esquerda), os pajés chamam os espíritos. Os guerreiros são escarificados com dentes de piranha para depois aplicarem sobre os ferimentos substâncias anabolizantes, que fortalecem a musculatura. A *kop*, lança em forma de espada, é fabricada pelo pajé como foi ensinado por *Bep-Kororoti*, o herói que veio das estrelas.